

Adivinhas e Ensino de Língua Portuguesa: Uma Descoberta

Kassandra da Silva Muniz*

Wagner Rodrigues Silva

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

O minicurso Adivinhas e Ensino de Língua Portuguesa¹ é resultado da interação do projeto de pesquisa “Aspectos Lingüísticos em Adivinhas” (PIBIC-CNPq / UFPE) e da disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa 1, ambos orientados pela professora Angela Dionísio, em 2000.2. Na ocasião, a partir da estrutura descritiva inerente às adivinhas, discutimos os aspectos morfológico, sintático e semântico responsáveis pela construção enigmática. A utilização de adivinhas em livros de literatura infantil também foi alvo de nossas reflexões nas atividades propostas. A troca de experiências foi fundamental para nossa formação enquanto professores de língua portuguesa.

Neste texto pretendemos discutir a respeito de um gênero textual que vinha sendo bastante desprezado ou menosprezado no âmbito dos estudos da linguagem, as Adivinhações ou Adivinhas. Adivinhações, textos verbais breves, formados pelo par pergunta/resposta, estão presentes no imaginário popular, principalmente, na mente de pessoas idosas, o que não exclui a possibilidade de encontrarmos crianças que dedicam alguns momentos de sua vida a este tipo de desafio que, por sua vez, remonta desde a época em que reis desafiavam os futuros candidatos a desposar suas filhas. Ainda que não pertençam a um país de reis e princesas, no âmbito da cultura nacional, seu mérito é inquestionável. A literatura nacional referente às adivinhas, quer numa perspectiva de resgate folclórico, quer numa perspectiva essencialmente lúdica, é considerada bastante expressiva, frente às demais publicações destinadas a outros gêneros populares. Quanto ao uso didático deste gênero textual e à sua exploração em pesquisas lingüísticas, podemos constatar que são pouco expressivos, o que justifica nossa inquietação em investigar este texto descritivo através dos estudos contemporâneos da teoria e análise lingüística.

Encontramos respostas para as nossas inquietações no projeto de pesquisa intitulado “Aspectos Lingüísticos em Adivinhas”, financiado pelo PIBIC-CNPq/UFPE e orientado pela professora Angela Paiva Dionísio. Este projeto objetiva, numa perspectiva lingüístico-discursiva, investigar as adivinhas enquanto modalidade da descrição, focalizando a sua estrutura textual e os aspectos fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, responsáveis pela elaboração enigmática. Os resultados obtidos pelos pesquisadores responsáveis pelo projeto vêm despertando o interesse de pessoas ligadas a pesquisas no campo da lingüística e da educação.

* Bolsistas do PIBIC - CNPq/UFPE

¹ Este minicurso foi elaborado e executado pelos alunos Gustavo Henrique da Silva Lima, Kassandra da Silva Muniz, Lytiene Rodrigues da Cunha, Surama Fernandes da Silva e Wagner Rodrigues Silva.

² Esta disciplina, pertencente ao sétimo período da Licenciatura Plena em Língua Portuguesa, foi cursada no segundo semestre do ano 2000, ministrada por Angela Dionísio

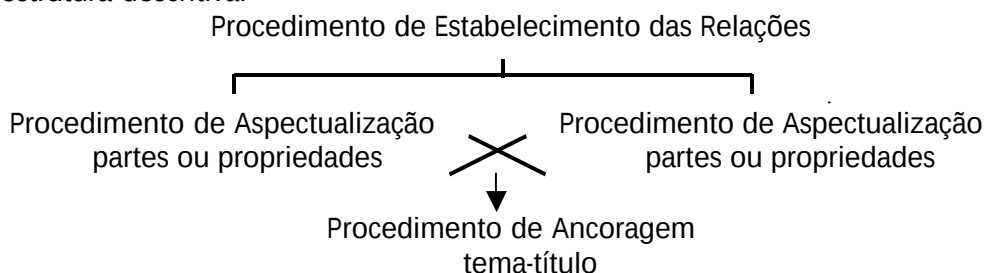
Em nossa Prática de Ensino de Língua Portuguesa 01², surgiu a oportunidade de aprofundarmos nossas reflexões a respeito do uso de adivinhas em aulas de língua materna. Em dois meses de incessante trabalho, permeados por exaustivas discussões, planejamos o minicurso “Adivinhas e ensino de língua portuguesa”, destinado a professores de língua materna e alunos de Letras, os quais, em sua maioria, concebiam o gênero adivinha apenas na perspectiva folclórica. Quase todos os participantes do nosso minicurso eram professores da rede pública do Ensino Fundamental I e II.

1. TEORIZANDO E TEORIZANDO

Conceitos distintos de adivinhas foram analisados na ocasião do minicurso. Ferreira (1999:53), por exemplo, concebe as adivinhações enquanto brincadeiras que consistem na proposição de enigmas fáceis para serem decifrados. Para Saraiva (1998:02), o nome adivinha só deveria aplicar-se a textos verbais breves que implicassem em um jogo de pergunta e de resposta, estando essa última, contida na pergunta de modo cifrado, velado ou inesperado. Em nossa interação, após discussões construtivas, chegamos ao consenso de que nem sempre os enigmas propostos são fáceis, e de que nem sempre as adivinhas são textos breves, como propõem os autores mencionados. Logo, definimos adivinha, de acordo com Dionisio (2000b:3), como uma modalidade do tipo descrição formada pelo par pergunta-resposta, em que se propõe um enigma a ser desvendado. A pergunta, que deve ser clara, contém um enigma e quem a faz possui o saber. A resposta, que deve estar presente de modo cifrado, velado, ou inesperado contida na pergunta, consiste no desvendar do enigma, o qual envolve relações fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática. Para Dionisio (2000a:2), as adivinhas, desde atividades de entretenimento até atividades de fixação de tópicos gramaticais, se prestam (e se emprestam) à formação intelectual de nossos alunos. Reiterando o papel didático deste gênero textual, acreditamos que os professores de língua portuguesa devem atentar para o fato de ser necessário contemplar uma diversidade de textos e gêneros em sala de aula, tendo em vista a relevância social dos mesmos (cf. PCN, 1998).

Partindo dessa concepção de adivinha estabelecida, desenvolvemos a nossa proposta de trabalho através de atividades didáticas passíveis de serem utilizadas em sala de aula. Antes de expormos algumas das atividades propostas, faremos algumas considerações relacionadas ao referencial teórico adotado para o curso. Com os dados da pesquisa *Aspectos Lingüísticos em Adivinhas*, analisamos a estrutura descritiva fundamental das adivinhações, a qual foi concebida a partir da estrutura prototípica da descrição proposta por Adam (1993, apud Dionisio, 1998:58), que é formada por um tema-título – correspondente à resposta da adivinha – e quatro macro-operações: procedimento de aspectualização – responsável pela fragmentação em partes do tema-título e pela focalização de suas propriedades –, procedimento de estabelecimento das relações – estabelece relações (comparativas, metonímicas, metafóricas) entre propriedades ou partes do tema-título e uma outra propriedade ou parte àquelas associadas –, procedimento de ancoragem – identifica o todo que forma o tema-título – e processo de estabelecimento da sub-tematização, que não se apresenta na estrutura descritiva das adivinhas, uma vez que a hipótese do encadeamento de uma seqüên-

cia em outra está totalmente descartada. O gráfico seguinte é uma reprodução da estrutura descritiva:



A metáfora (cf. Silva, S. F., 2001), fator *sine qua non* para a construção do enigma das adivinhas, no sentido mais amplo, permite-nos entender um conceito em termos de outro. A construção metafórica no texto adivinha pode ser evidenciada a partir de marcas lingüísticas, como o uso de verbos copulativos ser e estar e do verbo ter, responsáveis pela personificação inerente a este gênero. Uma evidência disso é a adivinha Meu nascimento foi cinza, / Do meu viver ninguém se espanta: / De sete filhas que tive / A última foi santa?, cujo tema-título é Quaresma. Os pronomes possessivos meu e o verbo ter conjugado na 1ª pessoa do singular são as marcas lingüísticas responsáveis pela personificação presente no texto. A metáfora é estruturada em experiências sócio-culturais, pois, para que o leitor/ouvinte chegue ao tema-título proposto, é necessário que haja a ativação do conhecimento de mundo, no qual a metáfora “Meu nascimento foi cinza” refere-se ao fato de que a quaresma se inicia na Quarta-feira de Cinzas, e que se saiba que daí em diante serão contadas sete semanas (sete filhas) e que a última, a sétima, é a semana santa (perspectiva da tradição Católica Romana).

Quanto às relações morfológicas (cf. Oliveira, 2000; 1999), observando a relação entre o enigma presente na pergunta da adivinha e a construção de sua resposta, trabalhamos alguns processos de formação de palavras³ através das adivinhas, como o processo de composição, derivação e onomatopaico. O jogo lingüístico presente em uma adivinha do tipo “O que é, o que é? / Galinha no choco / Cachorro que late?”, cujo tema-título é Chocolate, pôde ser perfeitamente utilizado para sugerir aos professores uma possível estratégia facilitadora da abordagem de um fenômeno – processo de formação de palavra por justaposição – bastante usual em nossa língua. Nessa adivinha, observamos o tema-título Chocolate formado pela junção dos radicais choco e late, sem nenhuma alteração fonética ou ortográfica.

As relações sintáticas (cf. Silva, W. R., 2001) responsáveis pela criação enigmática que foram trabalhadas ao longo do nosso minicurso correspondem ao fenômeno da coordenação. Assim, na perspectiva da semântica argumentativa, abordamos as relações de conjunção e contrajunção estabelecidas pelos operadores argumentativos. A argumentação é um fator crucial para o estudo da (des)construção

³ É importante ressaltarmos que o processo de formação de palavra aqui explicitado corresponde a pseudomorfemas, como definem Pepicello e Green (1984). Nossa intenção é possibilitar o trabalho da morfologia através do enigma elaborado, o qual alude ao processo de formação de palavra por justaposição. Não estamos focalizando aspectos etimológicos.

enigmática das adivinhas (cf. Silva, W. R., 2001), uma vez que argumentar visa a provocar ou a incrementar a “adesão dos espíritos” às teses apresentadas ao seu assentimento, caracterizando, portanto, como um ato de persuasão (cf. Koch, 1999b), haja vista que as teses apresentadas suscitam inferências que podem levar um possível desafiado à adesão aos argumentos apresentados no momento do desafio.

No tocante à literatura infantil (cf. Muniz, 2000; 1999), procuramos enfatizar a natureza lúdica e didática dos usos que são feitos das adivinhas em livros pertencentes à literatura mencionada. A literatura infantil geralmente é explorada em sala de aula com fins paradidáticos, sem haver um trabalho efetivo que possibilite a valorização da mesma em sua pluralidade, o que não exclui a exploração de aspectos lingüísticos como metáfora, definição, conotação, denotação, descrição, narração dentre outros. No livro infantil, não só a diegese é importante, mas tudo que está circunscrito ao livro, como a capa, as ilustrações, ou até mesmo a inserção de outros gêneros na trama. Dessa forma, decidimos trabalhar as adivinhas em duas perspectivas: (i) a forma como as adivinhas contribuem para a construção do livro e (ii) a relação ilustração-texto.

2. REVIVENDO A PRÁTICA

Chegado o momento de tecer algumas considerações referentes às atividades desenvolvidas, gostaríamos de ressaltar que, para este artigo, só iremos abordar as atividades desenvolvidas referentes (i) à natureza argumentativa das adivinhas e (ii) à utilização das adivinhas nos livros de literatura infantil. Também gostaríamos de enfatizar que um dos grandes desafios estabelecidos nas aulas de prática de ensino foi partir de atividades práticas até chegar aos conceitos, pois, em nossas observações de aula, constatamos que os professores sempre partiam dos conceitos para a prática, o que quase sempre dificultava a aprendizagem dos alunos. Portanto, na ocasião do planejamento do minicurso, foram desenvolvidos algumas atividades e jogos utilizando o gênero adivinha, pois acreditávamos que o desafio proposto pelas mesmas, que instiga o aluno a refletir sobre a manipulação de fenômenos lingüísticos, atrelado aos jogos, que exigem antecipação e planejamento, podiam contribuir para o desenvolvimento intelectual e despertar a atenção e o raciocínio dos alunos.

(I) Argumentando com as Adivinhas

Antes de adentrarmos no relato das atividades que abordaram a natureza argumentativa do gênero adivinha, teceremos algumas considerações referentes à primeira atividade proposta na ocasião. Objetivando a discussão de algumas definições de adivinhas e a análise de sua estrutura descritiva, ambos aspectos mencionados anteriormente, selecionamos quatro textos, os quais foram copiados em cartolinas e recortados de acordo com sua estrutura textual. A adivinha seguinte exemplifica a atividade proposta:

(1)

Ele tem cintura fina
E perninhas alongadas
Vive tocando corneta
E levando bofetadas.
Pernilongo.

Foram feitos grupos compostos de quatro alunos, os quais ordenaram as adivinhas e afixaram-nas nas paredes da sala de aula. A partir daí, foram feitos diversos questionamentos no intuito de chegarmos a uma definição de adivinha e ao estabelecimento de sua estrutura prototípica. A nomenclatura científica quase não foi mencionada pelos professores e alunos de Letras participantes do minicurso, mas, aos poucos, nós as expusemos, pois entendíamos que os mesmos enquanto profissionais deveriam ter esse conhecimento. Finalizada a primeira atividade, todos já estavam preparados para a próxima etapa, o estudo da natureza argumentativa das adivinhas, o qual foi evidenciado através de três atividades distintas, estando as duas últimas atreladas ao jogo Adivinhas Embaralhadas.

Para a primeira atividade, foi selecionada apenas uma adivinha, a qual transcrevemos abaixo:

(2)

Tem pescoço, não tem cabeça,
Tem braço e não tem mão,
Tem corpo e não tem pernas,
Tem peito, não tem coração.
Camisa.

Mais uma vez, a adivinha foi fragmentada, só que, desta vez, cada propriedade da adivinha foi escrita em letras bastante visíveis na parte superior de oito folhas de papel sulfite, quantidade referente ao número de propriedade estabelecida do texto selecionado. O objetivo desta atividade era oferecer ferramentas que levassem os desafiados a perceberem a natureza argumentativa das adivinhas. Assim, cada equipe recebeu duas folhas de papel sulfite com propriedades distintas. Solicitamos que, a partir da leitura que o grupo fizesse das propriedades, fossem reproduzidas nas folhas as imagens mentais que haviam feito, quando todos terminaram, pedimos que fossem ao quadro e ordenassem a adivinha. Os participantes, na tentativa de reproduzir da forma mais fiel possível as propriedades dadas, distanciavam-se do tema-título. Através das imagens reproduzidas, ficou mais evidente a natureza argumentativa da adivinhação, pois, apesar de ser um tipo descritivo, o procedimento de aspectualização presente por si só não foi suficiente para permitir que o desafiado descobrisse o tema-título, que foi explicitado no final da atividade.

A segunda atividade tinha por objetivo fixar o assunto trabalhado anteriormente, a argumentação. Onze adivinhas foram selecionadas, as quais foram escritas em papel guache, e, posteriormente, fragmentadas. Para esta atividade, os alunos trabalharam em dupla. Cada dupla recebeu uma adivinha embaralhada para ordenar, o que possibilitou um maior esclarecimento do caráter argumentativo deste gênero textual. O texto seguinte exemplifica o trabalho desenvolvido:

(3)

Tem chifre e não é boi,
É preto e não é carvão;
Tem asas e não é pássaro,
Ronca e não é avião.
Besouro.

Como podemos observar na adivinha selecionada, cada premissa estabelecida correspondente ao início de cada verso (Tem chifre / É preto / Tem asas / Ronca) leva o desafiado a realizar uma dada inferência, a qual é desfeita a partir da leitura da segunda premissa estabelecida (e não é boi / e não é carvão / e não é pássaro / e não é avião).

A terceira atividade, realizada em grupo de três participantes, nos permitiu analisar a função dos operadores argumentativos nas adivinhas de forma mais precisa. Para esta proposta, foram selecionados seis textos, os quais, assim como foi realizado na atividade anterior, foram escritos em papel guache e recortados no intuito de separar as premissas estabelecidas, só que, desta vez, os operadores argumentativos foram escritos no papel guache de uma cor diferente do utilizado para as premissas estabelecidas. As fichinhas com os operadores argumentativos foram menores que as fichinhas com as premissas estabelecidas. Grande ênfase foi dada ao uso dos operadores e e mas, que podem estabelecer relação de contrajunção e conjunção, neste último caso, apenas o e. O texto abaixo permite-nos tecer maiores considerações referentes ao uso dos operadores argumentativos nas adivinhas:

(4)

Sabe voar, não é ave
Levanta e corta o espaço,
Tem asa e não tem penas,
Parece ave de aço.
Avião.

O primeiro par de premissas estabelecidas (Sabe voar, não é ave) é conectado argumentativamente através da elipse de um operador marcada pela vírgula, revelando um direcionamento contrajuntivo da segunda premissa (não é ave) em relação a primeira premissa estabelecida (Sabe voar), haja vista que o verbo utilizado (saber), a princípio, só pode ser atribuído a um ser animado, logo, no contexto em questão, seria uma ave. O segundo par de premissas (Levanta e corta o espaço) estabelece uma relação conjuntiva que é perfeitamente marcada pelo operador e. No terceiro par de premissas (Tem asa e não tem penas), assim como no primeiro, evidenciamos uma relação contrajuntiva, pois é dada a primeira premissa (Tem asa), que estabelece uma característica de uma ave, associação que é facilmente eliminada pela segunda propriedade (não tem penas). É importante ressaltarmos que, em oposição ao que é observável no primeiro par de premissas, o terceiro par é orientado argumentativamente pelo operador e. Por fim, é dada uma propriedade remate (Parece ave de aço) que institui uma comparação entre uma ave propriamente dita e o tema-título a ser encontrado, Avião.

(II) Literatura infantil e adivinhações, uma relação que dá o que falar...

A participação das adivinhas na elaboração dos livros de literatura infantil foi a primeira abordagem trabalhada junto aos participantes do minicurso. Os livros de literatura infantil, pertencentes ao corpus da pesquisa na qual nos embasamos, entre eles Adivinha, Adivinhão; Sua Alteza A Divinha e Manos Malucos I e II, foram distribuídos para grupos de três alunos, que verificaram a contribuição das adivinhas para a construção dos livros. Constatamos, através da atividade desenvolvida, que elas po-

dem aparecer em coletâneas, em narrativas e, até mesmo, em peças teatrais, como mostra o livro 10 Adivinhas Picantes, de Angela Lago e Inês Antonini, que é construído através de diálogos, nos quais as adivinhas estão inseridas. Os diálogos se dão entre dois personagens, que se desafiam através de enigmas propostos por ambos. É interessante salientar que as adivinhas não são respondidas pelos dois personagens e sim por uma “voz”, que, além de desvendar os enigmas, sinaliza para o leitor como ele deve agir para respondê-las, fazendo comentários acerca das adivinhas. Pode-se observar isso no primeiro diálogo do livro, quando a voz, apresentada como um inseto, expressa a sentença “esta é picante”, anunciando a adivinha Meu amor, Meu vagalume, / Qual a cor que tem perfume?, proposta por um dos personagens. Após o enigma, cuja tema-título é rosa, ter sido desvendado, o inseto arremata a resposta com a afirmação: “muito picante”, desfazendo o duplo sentido sugerido pelo inseto ao anunciar a adivinha.

Pode-se observar que o inseto também é um personagem e exerce a função de narrador, promovendo, à medida que as adivinhas vão sendo respondidas, o desenrolar da trama. Além disso, é importante notar a presença de cortinas que lembram as existentes em teatros, favorecendo a teatralização da “estória”, uma vez que as adivinhas constituem a fala dos personagens e o seu desvendar, atos, caracterizando o gênero peça teatral.

O interessante foi que ao propor esta atividade aos participantes, eles, apenas com algumas orientações dadas pelo ministrante, chegaram às mesmas classificações feitas pela pesquisa (coletâneas, narrativas e peças teatrais). As terminologias foram diferentes, mas as justificativas foram dadas apropriadamente de acordo com as classificações atribuídas por eles. Isso nos fez pensar como realmente a questão da terminologia é arbitrária e, no entanto, mesmo assim, insistimos como professores a dar uma lista de “nomes estranhos” a nossos alunos, sem lhes dar a chance de ao menos refletir sobre o processo que estão realizando.

As ilustrações constituem outro aspecto muito relevante nos livros, pois asseguram não só a atenção dos alunos em relação às imagens contidas, mas também a curiosidade de se achar ou não a resposta das adivinhas. O aspecto enfatizado nas atividades relacionadas às ilustrações foi a relação desta com o texto, analisando a influência que a ilustração pode ter ou não sobre o texto adivinha, ajudando a desvendar o enigma. Segundo Azevedo (1998:108), “é impossível negar que todo texto ilustrado vai, necessariamente, receber interferência de suas ilustrações. A energia, a linguagem, as cores, o clima, a técnica, o imaginário, tudo o que o ilustrador fizer vai alterar e interferir na leitura (e no significado) do texto”. O autor sabia o que dizia, uma vez que, analisando os livros, pudemos observar que realmente as ilustrações exerciam de alguma forma influência sobre as adivinhações porque ora elas despistavam o leitor, ora sinalizavam a resposta, ora ficavam neutras, apenas constituindo um “cenário” para as adivinhas ou ainda as ilustrações não apresentavam uma sistematicidade, uma ligação entre elas. Na atividade, distribuímos os livros para os participantes e solicitamos que eles observassem se havia alguma relação entre o texto e as ilustrações. Mais uma vez, a atividade foi desenvolvida com bastante êxito, haja vista que os participantes estabeleceram as mesmas relações as quais acima

mencionamos e mais, nos fizeram repensar algumas classificações que havíamos realizado, justificando com procedentes argumentos as suas. Após esse momento de discussão, na qual eles deram sua própria terminologia para os tipos de ilustrações que encontraram, e de intensa participação, que aliás foi constante em todo o minicurso, nós explicitamos a classificação utilizada pela pesquisa, a qual estávamos adotando, que era ilustrações despistadoras, sinalizadoras, neutras e não-sistemáticas.

A última atividade também foi muito interessante e descontraída. Distribuímos folhas de sulfite em branco e alguns cartões que continham adivinhas. Após desvendarem o enigma dos cartões, os participantes tinham que colar no sulfite sua adivinha e fazer uma ilustração referente a ela, ficando livre a escolha da função que a ilustração exerceria sobre a adivinha. Surgiram ilustrações “fantásticas” que tiveram que ser desvendadas pelo grande grupo, uma vez que as folhas foram trocadas entre os participantes e cada um tinha que classificar a ilustração do colega em um dos tipos já mencionados. Assim, constatamos que a utilização de livros de literatura infantil que contêm adivinhas, nas aulas de língua materna, proporciona uma maior interação entre professor-texto-aluno, pois além de incentivar a leitura, assegura que os alunos aprendam brincando.

Por fim, gostaríamos de mencionar que entre um aspecto lingüístico e outro trabalhado em nosso minicurso, os participantes tiveram uma oportunidade extra de demonstrarem o que aprenderam, pois, no início das nossas atividades, propusemos a finalização de um Tabuleiro Enigmático (ver anexo) pré-elaborado. O tabuleiro possuía regras semelhantes a qualquer outro jogo do gênero. Por exemplo, se um dos quatro participantes caísse em alguma casa que possuía uma interrogação teria que responder uma pergunta presente nas cartas (carta 01), que exigia um certo conhecimento lingüístico, ao passo que se algum dos participantes caísse em alguma das laterais, teria que responder uma adivinha presente em um segundo tipo de carta (carta 02), caso contrário, perderia uma jogada. Ao final de cada assunto abordado, duas cartas com perguntas que enfocavam o assunto trabalhado eram exemplificadas pelos ministrantes, enquanto que cada participante tinha que elaborar uma carta para completar o jogo. Quando esta atividade não podia ser feita em sala de aula, os participantes a realizavam em casa e traziam no dia seguinte. A proposta foi bem aceita e os participantes manifestaram vontade de utilizar o Tabuleiro Enigmático em sala de aula.

Carta 01

❖ Ouça a adivinha abaixo e cite duas características do tema-título a ser descoberto.

Mais poderoso que o mar,
Mais forte que o vendaval,
É ser que nunca foi visto
E acalma até temporal.

Resposta:
Mais poderoso que o mar / Mais forte que o vendaval / Nunca foi visto / Acalma até temporal.

❖ Agora, tente adivinhar o tema-título, a resposta da adivinha, e, se acertar, tenha direito a uma outra jogada!

Tema-Título:
Deus.

Carta 02

Sou um rei coroado
No meu trono sentado;
Quanto mais velho fico
Mais fico respeitado.

ABACAXI

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um longo período de preparação e 6 horas de “regência”, confirmamos a hipótese de que “se os conteúdos programáticos tiverem uma aplicabilidade prática, terão maior probabilidade de serem apreendidos do que as teorias soltas e muitas vezes transmitidas de maneira incompreensível, desestimulante e inútil” (Lopes, 2000:22). Também concluímos que a interação entre professor e aluno foi de grande relevância para a integração dos atuais estudos desenvolvidos no âmbito universitário e da efetiva prática de ensino vivenciada pelos participantes. Quanto aos papéis de professor e de aluno, compreendemos ou descobrimos que não houve limites impostos, pois a aprendizagem foi recíproca, ademais Paulo Freire (1999) já afirmou que ensinar inexiste sem aprender e que é através do aprendizado em sociedade que descobrimos que é possível ensinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, R. (1998). Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do livro. In: Elizabeth D'Angelo (org.) *30 anos de literatura para crianças e jovens – Algumas leituras*. São Paulo, ALB Mercado de Letras, pp. 105-112.
- DIONISIO, A. P. (2000a). *Adivinhas: da calçada à sala de aula*. Recife, UFPE. (mimeo)
- DIONISIO, A. P. (2000b). *Aspectos lingüísticos em adivinhas* – Recife, PIBIC-CNPq/UFPE. (mimeo)
- DIONISIO, A. P. (1998). *Imagens na oralidade*. Tese. Recife, UFPE.
- GUIMARÃES, E. (1989). *Texto e argumentação: um estudo de conjunções no Português*. São Paulo, Pontes.
- FÁVERO, L. L. (1999). *Coesão e coerência textuais*. São Paulo, Ática.
- FERREIRA, A. B. de H. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FREIRE, P. (1999). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo, Paz e Terra.
- KOCH, I. V. (1999a). *A coesão textual*. São Paulo, Contexto.
- KOCH, I. V. (1999b). *Argumentação e Linguagem*. São Paulo, Cortez.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago, The University of Chicago Press.
- LOPES, M. da G. (2000). *Jogos na Educação*. São Paulo, Cortez.
- MAINGUENEAU, D. (1989). *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo, Pontes. pp. 159-185.
- MUNIZ, K. da S. (2000). *A descrição e a narração nas adivinhas na literatura infantil*. Anais da XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste (GELNE). Fortaleza, UFC. v. I. pp. 285-289.
- MUNIZ, K. da S. (1999). As adivinhas na relação ilustração-texto na literatura infantil. In: *Ao Pé da Letra*. Recife, UFPE. vol. 1. pp. 73-79.
- NEVES, M. H. de M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo, Editora UNESP.
- OLIVEIRA, P. M. M. (2000.) *Aspectos morfológicos nas adivinhas*. Anais da XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste (GELNE). Fortaleza, UFC. v. I. pp. 179-182.
- OLIVEIRA, P. M. M. (1999). Formação de palavras na organização textual das adivinhas. In: *Ao Pé da Letra*. Recife, UFPE. vol. 1. pp.147-153.

- SECRETARIA DO ENSINO FUNDAMENTAL.(1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, MEC.
- PEPICELLO, W. J. & GREEN, T. A. (1984). *The language of riddles*. Columbus, Ohio State University Press.
- SARAIVA, A. (1998). *Enigmática e poética das adivinhas populares portuguesas*. Fundação Joaquim Nabuco, Folclore 253-A.
- SILVA, S. F. (2001). *A linguagem metafórica nas adivinhas: um recurso didático-pedagógico para o ensino de Língua Portuguesa*. Recife, UFPE. (mimeo)
- SILVA, S. F. (2000). *As adivinhas no ensino de língua portuguesa*. Anais da XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste (GELNE). Fortaleza, UFC. v. I. pp. 224-226.
- SILVA, S. F. (1999). As adivinhações e o ensino de língua materna. In: *Ao Pé da Letra*. Recife, UFPE. vol.1, pp. 165-169.
- SILVA, S. F. da; SILVA, W. R. (2000). Grammatical strategies in the formation of English riddles. In: *Ao Pé da Letra*. Recife, UFPE. vol.2, pp. 191-196.
- SILVA, W. R. (2001). *Operadores discursivos em adivinhas: uma busca da (des)construção enigmática*. Recife, UFPE. (mimeo)
- SILVA, W. R. (2000). *Processamento textual na estrutura descritiva do texto-adivinha*. Anais da XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste (GELNE). Fortaleza, UFC. v. I. pp. 261-264.
- SILVA, W. R. (1999). Tópicos Discursivos e Formas de Construção das Adivinhas. In: *Ao Pé da Letra*. Recife, UFPE. vol.1, pp. 185-191.